
CORPOREIDADE: EDUCAR PARA NÃO REEDUCAR

FILOMENA DE CARLO SALERNO FABRIN

Psicomotricista e Psicóloga; Professora de Psicologia e Mestranda em Educação na UNINOVE

Resumo

O corpo é nosso referencial com o mundo. É por meio dele que existimos e nos relacionamos com os demais. Para que então dissociá-lo da mente, do intelecto, dos pensamentos, dos sentimentos? A mente não existe sem o corpo e este não existe sem a mente – mente-corpo co-habitam e coexistem num mesmo ser. O cérebro-mente comanda os movimentos, as ações, os pensamentos, as emoções do ser humano, apesar de o homem ser essencialmente corporal. Pelo corpo, manifestamos aspectos de nossa existência, cultura e sociedade. Relacionar corporeidade, conhecimento e vivência do corpo à educação é um caminho necessário para articular conceitos centrais de uma nova visão pedagógica.

Palavras-chave: corporeidade; mente-corpo; educação.

Abstract

The body is our reference to the world. It's through the body that we exist and relate ourselves to the others. Hence, why separate the body from the mind, intellect, thoughts and feelings? The mind doesn't exist without the body, and the body doesn't exist without the mind. Mind-body lives in common and coexist in the same human being. The brain-mind commands the human being movements, actions, thoughts and emotions, but the man is essentially physical. Through the body, we show some aspects of our existence, culture and society. Relate bodyness, knowledge and the body experience to education is a necessary way to articulate central concepts of a new pedagogic view.

Key words: bodyness; mind-body; education.

Olhares sobre o corpo

Nas civilizações ancestrais, o corpo era visto como mistério inviolável, ‘jardim fechado’, sede do bem e do mal. A partir da visão mecânica que inaugura a Modernidade, o corpo passa a ser um objeto ‘aberto’, devassável, anatômico, fragmentado. Na economia burguesa, é força de trabalho, corpo-fetichismo, mercadoria. A engenharia genética e o mercado de órgãos agravam ainda mais a visão do corpo como um valor de troca.

O corpo é também preocupação dos filósofos desde a Antiguidade. O pensamento filosófico caminhou por duas linhas: ora colocando o corpo sob suspeita, marginalizando-o, ora enaltecendo-o. Platão retrata essa marginalização do corpo, por meio do logocentrismo, ao dizer que a alma raciocina melhor “quando não é perturbada pela vista nem pela audição, nem pela dor, nem pela volúpia e, encerrada em si mesma, deixa que o corpo lide com essas coisas sozinho...” (QUEIROZ, 2001: 42). Os filósofos medievais identificam o corpo como instrumento da alma. Para Descartes e Newton, “o ser humano tem sua unidade rompida, pois, de um lado, é razão pensante (*res cogitans*) e, de outro, é corpo ou matéria (*res extensa*)” (*op.cit.*: 44).

Já Foucault (2002: 26) considera que “o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso”. Segundo Sartre (*Apud* QUEIROZ, 2001: 57), não há conhecimento puro, “só existe conhecimento comprometido”, e é exatamente o corpo que “representa a individualização do meu comprometimento com o mundo”.

ASSMANN (1995) entende o cérebro humano como aparelho biológico de competência para agir, perceber, saber, aprender, e a mente, como a capacidade de consciência e pensamento. A realidade não entra pelos órgãos dos sentidos como algo pronto, mas existe uma decodificação dessa

realidade de acordo com as experiências de vida de cada ser humano. Alerta ainda para o cuidado em não fechar os conceitos sobre o conhecimento do corpo, devido à complexa criatividade dos seres vivos. Insiste que qualquer conceito sobre corporeidade seja estruturalmente aberto a constantes complementações.

As várias linguagens sobre o corpo, como psicomotricidade, motricidade, pedagogia do movimento e abordagens sistêmicas da corporeidade, têm suas especificidades e, de certa forma, fazem um alerta a respeito da dissociação ou dualismo que ainda perdura na relação mente-corpo, presente tanto nas Ciências Humanas quanto nas Sociais. O ‘culto ao corpo’, visando apenas à parte física, anatômica, é o que a mídia apresenta à população, para vender as idéias de malhação, corpo escultural, emagrecimento. Muitas vezes, a estética conduz ao uso de anabolizantes, que provocam doenças ou levam à morte.

A bandeira de reabilitação do corpo mostra a necessidade – o que soa até como ‘um grito na garganta’ – de admitir a corporeidade como algo fundamental para a vida humana, o futuro do planeta e a educação em geral. É preciso ampliar nossa visão de mundo, saindo da abstração, para aprimorar a qualidade de vida, e esta só é obtida com a recuperação da vivência da corporeidade.

Corporeidade e Educação

A posição valorativa do corpo vem ao encontro de uma idéia que o toma como elemento fundamental ao processo de aprendizagem. Compartilhamos a idéia de que o corpo, como nosso referencial de vida, nosso estar-presente no mundo, tem suma relevância no campo da Educação, pois “a Corporeidade não é fonte complementar de critérios educacionais, mas seu foco irradiante primeiro e principal. Sem uma filosofia do corpo, que

pervaga tudo na Educação, qualquer teoria da mente, da inteligência, do ser humano global enfim, é, de entrada, falaciosa”. (ASSMANN, 1995: 77) E ainda, “em boa ciência, nenhuma resposta deve ser considerada completa” (*op.cit.*: 85). Considera o autor que, no caso da corporeidade, há muito a ser pesquisado, muitos mistérios a serem desvendados, um novo paradigma a ser elaborado. É o convite que ele faz para aqueles que comungam da idéia sobre a relevância do conhecimento do corpo e sua inter-relação com a Educação.

A corporeidade é o conhecimento do corpo do ponto de vista filosófico, que parte de sua dimensão biológica, na qual esse corpo não se dissocia da mente, já que fazem parte de um conjunto que se inter-relaciona ininterruptamente. E por que estudar o corpo? Assevera Merleau-Ponty (1945: 90): “Eu só posso compreender a função do corpo vivo realizando-o eu mesmo e na medida em que sou corpo que se levanta em direção ao mundo”. Assim, o corpo é meu referencial com o mundo; por meio dele existo e me relaciono com os demais. Para que então dissociá-lo da mente, do intelecto, dos pensamentos, dos sentimentos? A mente não existe sem o corpo e o corpo não existe sem a mente. Mente-corpo co-habitam e coexistem num mesmo ser. É o cérebro-mente que comanda os movimentos, as ações, os pensamentos, as emoções do ser humano. O corpo é mais do que um conjunto constituído de músculos e ossos: nele estão marcados signos sociais que expressam a cultura de um povo. Atuar sobre o corpo é atuar sobre a sociedade. O corpo é o primeiro e mais natural instrumento do homem e este é um ser essencialmente corporal. Pelo corpo manifestamos aspectos de nossa existência, de nossa cultura, de nossa sociedade. Por que relacioná-lo com a aprendizagem? “O corpo é, do ponto de vista científico, a instância fundamental e básica para articular conceitos centrais para uma teoria pedagógica”

(ASSMANN, 1995: 113). Sendo a aprendizagem parte integrante e essencial desse desenvolvimento, o corpo não pode e não deve ficar esquecido nesse processo.

A corporeidade manifesta uma pluralidade de relações, que são fundamentais para a educação. Elas são claramente apontadas por Olivier (1995):

A corporeidade implica, portanto, na inserção de um corpo em um mundo significativo, na relação dialética do corpo consigo mesmo, com outros corpos expansivos e com os objetos do seu mundo (ou as “coisas” que se elevam no horizonte de sua percepção). O corpo se torna a permanência que permite a presença das “coisas mesmas” manifestar-se para mim em uma perspectiva; torna-se o espaço expressivo por excelência, demarca o início e o fim de toda a ação criadora, o início e o fim de nossa condição humana. Mas ele, enquanto corporeidade, enquanto corpo vivenciado, não é o início nem o fim: ele é sempre o meio, no qual e através do qual o processo de vida se perpetua.

Corporeidade é corpo vivenciado. Nos termos de Queiroz (2001: 53):

o caminho para o resgate pleno de corporeidade no âmbito educacional é longo e está apenas começando. O fato de já estar em andamento uma desconstrução da visão logocêntrica e uma tomada de consciência do caráter imprescindível da corporeidade, na teoria e na prática pedagógica, já deve ser saudado como um promissor avanço. Resta incentivar a inclusão dessas orientações nos planos pedagógicos e fomentar a criação de

experiências pioneiras que traduzam, na prática, aquilo que a teoria já indica como necessidade urgente e inadiável.

Se corporeidade é corpo vivenciado, e motricidade, corpo em movimento, poder-se-ia entender a corporeidade como corpo vivenciado e em movimento no tempo e no espaço? Pelo menos é isso que parece mostrarmos Assmann (1995:101): “A motricidade é o vetor da identidade corporal, porque – no nível biofísico – é pela dimensão-movimento que a Corporeidade se constitui, posto que ela se espaço-temporaliza...” e, mais adiante, em tom definitivo, assevera:

Parece, pois, chegada a hora de ter a ousadia de afirmar que o ético-político e as opções solidárias precisam ser definidas a partir da Corporeidade. O mesmo é válido acerca da aprendizagem. Englobando neste conceito tanto a dimensão instrucional – aprendizagem de conteúdos e procedimentos – quanto o aprender a aprender – ou seja, a aquisição de padrões generativos do agir e do pensar – não descuidando jamais o criativiver e a fraternura. (*op.cit.*: 59)

O autor aponta a criatividade, fraternidade, ternura e solidariedade como elementos integrados para garantir a qualidade de vida. Essa integração constitui a qualidade da corporeidade viva.

Referências bibliográficas

- ASSMANN, Hugo. *Paradigmas Educacionais e Corporeidade*. 3. ed. Piracicaba: Unimep, 1995.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- JARDILINO, J. R.; SANTOS, G. T.; ROSSI, G. *Orientações Metodológicas para a Elaboração de Trabalhos Acadêmicos*. 2. ed. São Paulo: Gion, 2000.
- MERLEAU-PONTY. *Fenomenologia e Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- In: OLIVIER, Giovanina G. Freitas. *Um olhar sobre o esquema corporal, a imagem corporal, a consciência corporal e a corporeidade*. 1995. Tese (Mestrado em Educação Motora da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas). Disponível em <<http://www.unicamp.br/anuario/95/biomedic as/mode>> Acesso em jul. 2001.
- QUEIROZ, José J. (Org.) *Educação Hoje: Tensões e Polaridades*. São Paulo: USF Atlântis, 1997.
- _____. Descobrir a Corporeidade – parte III. *Revista Revés do Averso*. São Paulo: CEPE - Centro Ecumênico de Publicações e Estudos “Frei Tito de Alencar Lima”, Ano 10. jan. 2001.
- _____. Redescobrir a Corporeidade – parte IV. *Revista Revés do Averso*. São Paulo: CEPE - Centro Ecumênico de Publicações e Estudos “Frei Tito de Alencar Lima”, Ano 10. jun. 2001.
- SEVERINO, A. J. *Metodologia do Trabalho Científico*. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2002.